

CINEMA E EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS PARA UMA PRÁTICA INTERCULTURAL NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Veronica Maria Lima Abreu ¹

Samuel Pires Melo ²

Edmara de Castro Pinto³

RESUMO

O presente trabalho se deu através da inegável necessidade de se refletir criticamente acerca de uma prática docente relacionada com o estudo da interculturalidade presente na sociedade brasileira, uma vez que, muitos sociólogos, pedagogos, psicólogos e outros profissionais tem refletido sobre a necessidade de denunciar a realidade desigual do Brasil, em que povos ainda são vítimas de preconceito, discriminação e outros meios excludentes. A partir disso, mediante as concepções de mundo globalizado, foi de suma relevância relacionar essa pesquisa com as tecnologias, quer sejam elas dentro dos espaços escolares públicos ou quer sejam nos espaços privados, em que o meio tecnológico específico a ser utilizado é o cinema, compreendendo-o como ferramenta educacional capaz de possibilitar o fomento de uma prática pedagógica que seja socioeducativa e que culmine no exercício da cidadania, respeitando e alicerçando as concepções de direitos humanos. Para tanto, esse estudo é de natureza qualitativa, pela análise de estudos bibliográficos, busca discutir o cinema nas suas multifaces educacionais, bem como seu potencial enquanto material pedagógico e didático, visibilizando as peculiaridades culturais da sociedade nacional.

Palavras-chave: Cinema; Educação; Interculturalidade.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da história da humanidade a educação se faz presente, porém, com o início do desenvolvimento tecnológico, uma ligação indissociável entre os meios educativos e a tecnologia se estabeleceu, onde, nenhum dos dois poderia existir sem influência do outro. Com isso, um imperativo se delineava: é possível estabelecer uma prática docente

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, ve-limal@hotmail.com;

² Professor Doutor do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí- UFPI, samuelmelo@ufpi.edu.br ;

³ Professora Doutora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí-UFPI, edmaracastro@ufpi.edu.br (85) 3522.3222

intercultural em que os meios tecnológicos são utilizados como materiais didáticos? Se sim, de que forma essa correlação pode auxiliar no rompimento de paradigmas preconceituosos perpassados no decorrer dos séculos?

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Juventudes (NEPJUV) da Universidade Federal do Piauí- UFPI, Campus Ministro Reis Velloso-CMRV, é então, a motivação inicial do presente estudo, uma vez que, ele sinaliza caminhos para uma prática sócio educativa que busque refletir sobre os mecanismos políticos de subjetivação e de que forma os professores atuam nesse campo. O NEPJUV é um núcleo composto por discentes das licenciaturas e colaboradores, especialmente por acadêmicos do curso de Pedagogia e grande parte dos seus docentes, contando com a diversidade de linhas de estudo, pesquisa e extensão. Esta pesquisa se relaciona com dois projetos do NEPJUV, o primeiro intitulado “Tecnologias, educação e direitos humanos: despontando cidadania para além dos muros UFPI” , pois, ele toma como objeto de estudo o caso do cinema, enquanto recurso pedagógico-didático e se relaciona com o “Laboratório de Educação, Juventudes e Interculturalidade” , uma vez que, compreendemos a potencialidade das tecnologias para uma educação intercultural que vise no ato de educar para a cultura de paz.

Neste contexto, é preciso refletir sobre possíveis formas educativas para a desconstrução de uma sociedade excludente, em que um pequeno grupo social possui poder opressor em detrimento de outros, inferiorizando-os no que compete à raça, território, etnia e todo o âmbito do pluralismo cultural brasileiro. Para então pensar essas discussões, referimo-nos à relação cinema-escola, posto que é possível analisar por meio dos filmes de curta ou longa metragem a história de todos os povos que compõem o cenário de marginalização, possibilitando assim representatividade a essas pessoas através do estímulo de rodas de conversas crítico-reflexivas aos alunos e difundindo um ensino intercultural, valorizando assim as diferenças sociais e compreendendo que elas merecem visibilidade.

Dessa forma, após discutirmos a história do cinema brasileiro e as noções de interculturalidade e educação dentro das escolas públicas, refletindo sobre aspectos relevantes encontrados a partir de cada uma dessas temáticas, iremos nos ater ao cruzamento entre cinema-interculturalidade-educação, apresentando assim o nosso entendimento sobre essa relação e discutindo de que forma ela pode contribuir positivamente para um ensino com qualidade e capaz de agregar valor ao processo de ensino-aprendizagem.

1.1 Historicidade do cinema brasileiro:

O final do século XIX foi um período que trouxe muitas mudanças tecnológicas para o Brasil, bem como o início do mercado cinematográfico. Os irmãos Paschoal Affonso e Segreto foram os pioneiros nesse processo que ocorreu no Rio de Janeiro. Entretanto, sabemos que nesse século havia diversas dificuldades na exibição dos filmes, como no caso da falta de infraestrutura, eletricidade e a falta de qualidade no som e nas imagens.

Mas, no século XX, com a estabilização de parte desses impasses, a indústria cinematográfica cresceu e atingiu expansão nos grandes centros urbanos, sendo apresentado às pessoas como forma de lazer e entretenimento, ainda não se sabia o poder do cinema como ferramenta educativa. Todavia, com a chegada do videocassete, houve um declínio no mercado cinematográfico, somente a partir dos anos 90 que o cinema teve uma retomada, se consolidou e voltou a crescer cada vez mais, com produções que perpassaram os anos e nos são apresentadas até hoje.

1.2 Interculturalidade e Educação:

A educação se faz presente desde o início da história humana, podendo ser formal ou informal. Para SILVA (2013):

“Em nossa vida cotidiana somos levados a colocar em causa a estabilidade de nossas maneiras de pensar, de nossas maneiras de viver, das totalizações que impomos aos instantes por nós vividos para neles recontrar uma unidade subjetiva. Tais sacudidelas são justamente sinal de que estamos em movimento de desterritorialização, indicando a vacilação do território que havíamos criado sob a pressão das experimentações intensivas que somos levados a fazer e que nos levam também a graus variáveis de reterritorialização, em nosso esforço para não sucumbir ao vazio, à completa ausência de consistência (SILVA, 2013, p. 176).”

Dessa forma, o nosso processo de socialização é um apanhado de aprendizagens e experiências que nos modificam. Com isso, pensar em educação é pensar no relacionamento existente entre professor e aluno, refletindo sobre um professor que exerce seu papel de agente transformador em volta de uma forma de educar para o desenvolvimento comportamental e como elemento agregador de valores sociais. Segundo Freire (1996, p. 96):

“o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas imaginações, suas dúvidas, suas incertezas.”

Nesse contexto, a inserção de uma educação intercultural dentro das escolas é uma questão pertinente a ser debatida, pois o professor deve ter uma prática pedagógica diferenciada, que respeite as vivências dos seus alunos e fomente a consciência de cidadãos de valor. Interculturalidade surge então como uma afirmação as diferenças, como uma maneira de se opor aos conflitos, tensões e preconceitos provocados pela presença da diversidade de grupos socioculturais.

Assim, as problemáticas sociais são muitas, sendo elas articuladas pelas mais diversas construções históricas e políticas, onde, os movimentos sociais, por sua vez, denunciam as injustiças provenientes do multiculturalismo. Cabe então ao professor a tomada de consciência acerca dessa realidade para que ele reconheça e valorize as diferenças culturais dentro dos espaços escolares.

1.3 Cinema: Ferramenta para o exercício da cidadania:

A tecnologia faz parte do mundo moderno e globalizado, sendo assim, é inevitável a interação dos educandos com a mesma. O que ocorre é que alguns grupos são mais privilegiados do que outros para a acessibilidade acerca das mídias sociais. Fatores como a fama, as redes sociais, *youtube*, podem ser ferramentas positivas se usadas corretamente ou podem ser meios alienadores. Portanto, se a tecnologia já é inseparável da vida social, por que não trazê-la para dentro das escolas? O cinema como recurso audiovisual, pode ser muito positivo para apresentar aos alunos as realidades sociais e melhorar o rendimento de cada um deles, além de ensiná-los a forma correta para que se utilize a tecnologia. Através do cinema podemos trazer cenários diferentes para abordar em sala, podemos apresentar as diversidades e podemos assim construir caminhos que culminem em cidadania e no respeito ao outro.

1.4 Problemáticas desse estudo em relação às escolas públicas:

Sabemos ainda que a escola pública do Brasil é negligenciada, faltam recursos de infraestrutura, qualidade de ensino, formação contínua do professor, valorização do corpo docente, materiais didáticos, refeição, profissionais devidamente capacitados e outros. Então, como uma escola estabelecida com essas condições pode aderir tecnologias como recurso-pedagógico? Não é simples, mas não podemos nos conformar com o cenário atual, devemos (enquanto professores e cidadãos) sempre lutar pelos direitos da escola e dos alunos, além de sermos criativos quanto à utilização de recursos audiovisuais, formando nossa prática de acordo com os materiais disponíveis dentro da nossa realidade. Ser professor é se reinventar cotidianamente, sempre na esperança de um país melhor, mais humano e mais justo.

METODOLOGIA

A natureza metodológica do presente trabalho é qualitativa, com estudo bibliográfico. Bogdan e Biklen (1994, p. 18), afirmam que:

“[...] a investigação qualitativa no campo da educação só recentemente tenha sido reconhecida, possui uma longa e rica tradição. As características desta herança auxiliam os investigadores qualitativos em educação a compreender a sua metodologia em contexto histórico. As origens da investigação qualitativa encontram-se em várias disciplinas, donde que a nossa resenha histórica ultrapasse as fronteiras disciplinares. Propomos uma perspectiva relativa ao desenvolvimento dos métodos de investigação qualitativa em educação.”

Assim, a investigação qualitativa é de suma importância para a análise de estudos bibliográficos, juntamente de uma boa interpretação para que haja uma verdadeira compreensão dos estudos bibliográficos, pois ela possibilita aos pesquisadores um vasto leque de informações a fim de nos fazer refletir a temática abordada. As fontes desse estudo são artigos de períodos e livros que discutem o cruzamento entre cinema, interculturalidade e educação. Diante do exposto, não privilegamos tempo histórico nas referências, mas trabalhos que pudessem enriquecer o nosso estudo. Buscamos ainda trazer para a discussão filmes/documentários, curtas e longas, que servissem como exemplo para explanarmos a relevância da inserção do cinema dentro das escolas como recurso pedagógico-didático para uma educação intercultural.

Além de que esse estudo só foi possível por meio das rodas de conversa propostas pelo NEPJUV, através dos projetos de pesquisa e extensão que visam conscientizar acerca da importância da cidadania. Rodas de conversa esta que para Moura e Lima (2014, p. 99), são “uma forma de produzir dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão”.

Em virtude dos fatos mencionados, o NEPJUV então é um grande núcleo de incentivo para as melhorias na educação brasileira, pois questiona as realidades com o intuito de efetivar melhorias sócio educacionais e desmistifica o não-reconhecimento ou a falta de respeito às diferenças, instigando assim professores acerca da formação continuada e de uma prática pedagógica mais alicerçada em qualidade em prol dos educandos.

DESENVOLVIMENTO

Vivemos em um mundo globalizado e por isso as tecnologias estão atreladas a todos os aspectos pertinentes a nossa vida social. Entretanto, sabemos que por intermédio das desigualdades políticas e sociais, alguns grupos possuem maior acessibilidade tecnológica do que outros. Porém as desigualdades no contexto do território brasileiro se estendem para além da classe econômica, uma vez que, a diversidade brasileira de raça, etnia, gênero, religião não recebe a devida representatividade.

Convivemos diariamente com mecanismos excludentes e opressores e é justamente nesse panorama que a educação intercultural se faz necessária, uma vez que, ela possibilita a construção de identidades cidadãs autônomas, crítico-reflexivas e que reconheçam a legalidade dos seus direitos, almejando sempre reivindicá-los, sem se silenciar perante os preconceitos, mas, empoderando-se, tonalizando seu lugar de fala e o lugar de fala do outro. Dessa forma, é preciso questionar o papel que a escola tem exercido na vida dos educandos. Paro (2001) afirma que:

“Não há dúvida de que podemos pensar na escola como instituição que pode contribuir para a transformação social. Mas, uma coisa é falar de suas potencialidades... uma coisa é falar “ em tese”, falar daquilo que a escola poderia ser. [...] outra coisa bem diferente é considerar que a escola que aí está já esteja cumprindo essa função. Infelizmente essa escola é sim reprodutora de certa ideologia dominante... é sim negadora dos valores dominados e mera chanceladora da injustiça social, na medida em que recoloca as pessoas nos lugares reservados pelas relações que se dão no âmbito da estrutura econômica.”

Contudo, devemos buscar sempre a desnaturalização dessa sociedade de privilégios em que a população afrodescendente, quilombola, LGBT+ e todos os outros grupos

minoritários sofrem com a marginalização e com a falta de igualdade de direitos e oportunidades. Por isso, pensar no cruzamento entre educação, interculturalidade e cinema, nos faz refletir sobre formas de criar uma cultura de paz.

“A escola, nessa perspectiva, deixa de ser um lugar onde, como queria Comenius, ‘todos aprendem tudo’, mas onde todos se encontram para conjuntamente produzir conhecimentos novos. A partir de uma perspectiva freireana, nesses encontros todos os saberes são transformados. Não se pretende elevar o nível dos saberes populares ou adaptar os saberes eruditos ao povo, mas de recriar a ambos através do diálogo. Este pode ser entendido ao mesmo tempo como uma relação de negociação porque envolve relações e posições de poder; como uma relação de troca porque se deseja aprender do outro, e como uma situação de dádiva e partilha (STRECK, 2012; p. 21).”

Isto é, pensar nas tecnologias como recurso didático, em específico no caso do cinema, nos mostra que a escola é um campo de discussão e trocas de saberes frequentes, saberes estes que vivem em constante mudança e é devido a isso que podemos ter esperança de um futuro menos segregacionista e mais plural. O cinema assume então um lugar de fala a partir do momento em que ele se estabelece como caminho para a legitimação do pluralismo cultural, sendo assim, capaz de ressignificar a educação para além dos conteúdos paradidáticos, estabelecendo assim o ensino intercultural como meta a ser alcançada e discutida.

Segue abaixo uma breve lista de tecnologias audiovisuais que podem ser usadas nas salas de aula e o porquê de serem tão úteis no processo de ensino-aprendizagem, despontando cidadania e interculturalidade desde a educação básica:

➤ Vida Maria

Nesse recurso audiovisual, o tema abordado gira em torno dos processos de reprodução social sob influência do contexto histórico em que cada indivíduo está inserindo, apontando assim às desigualdades em relação às oportunidades ofertadas às pessoas. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4 >. Acesso 10 de agosto de 2019

➤ Aprender a aprender

Este por sua vez, nos faz refletir sobre a importância do respeito e da valorização ao professor, além de mostrar que o processo de aprendizagem ocorre por etapas, o que o aluno não deve fazer é simplesmente se desestimular, uma vez que, o professor não

somente acredita no potencial do seu educando, mas fica ao seu lado sempre o orientando até que ele consiga atingir os objetivos esperados. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=GvsEqthCTxU> >. Acesso 10 de agosto de 2019

➤ Alike

Esse curta metragem mostra o quão frívola se torna a vida adulta. Somos sempre ensinados como agir, o que usar e vamos perdendo os traços da nossa subjetividade para sermos aceitos socialmente. Nesse recurso, o professor pode trabalhar a necessidade da criatividade das crianças, ensinando-as a importância de viver e de valorizar os detalhes da vida. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=UATPH44jRSw> > Acesso 10 de agosto de 2019

➤ A lua

Aborda o fato da criança admirar quem ela ama e almejar fazer as mesmas coisas no futuro, mas , o curta metragem nos faz refletir sobre a necessidade do jovem encontrar o seu próprio caminho e que o próprio jovem vai construindo sua subjetividade nesse processo. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=MJC9mYJfUPk&list=PLZKzT938tz9V2l6-IsGmcMCVc2XHNP7rW&index=5> >. Acesso 10 de agosto de 2019

Posto o cinema como arte audiovisual capaz de educar, é preciso democratizar o acesso a estes filmes, uma vez que eles portam saberes distintos sobre cidadania, portam histórias que fomentam o engajamento social para uma educação intercultural. O cinema promove o encontro dos educandos com a vida real, discutindo as relações de poder, de gênero, de culturas, de povos, de diversidades e acima de tudo, de valores; além de possibilitar a nós, professores, refletirmos sobre as demandas globais e socioculturais.

Por isso, trabalhar cidadania através de uma perspectiva intercultural utilizando o cinema e possibilitando aos educando vivenciar experiências positivas perante a relação escola e tecnologia pode fomentar mais ainda o interesse das crianças em aprender e pode fazê-las compreender essa transversalidade dentro da educação, além de mapear experiências através de rodas de conversa. Para Gomes (2006, p.233), uma prática pedagógica precisa ter dinâmica própria, com o exercício do pensamento reflexivo, para que se conduza a uma visão política de cidadania e que seja capaz de integrar a arte, a cultura, os valores e a interação, propiciando, assim, a recuperação da autonomia dos sujeitos e de sua ocupação no mundo, de forma significativa para os educandos.

Mediante aos fatos mencionados, cabe citar ainda que a inserção do cinema nas escolas possui um viés duplo: possibilitar o contato dos educandos com as tecnologias no sentido de interá-los no desenvolvimento do mundo e alicerçar as concepções de superação ao desconhecimento das diversidades e da historicidade por trás de cada povo, de cada cultura. Os filmes ao serem apresentados nas escolas se tornam importantes ferramentas para potencializar o ensino das diversidades, imprimindo significados e sentidos ao ato de educar. Entretanto, sabemos das mais diversas problemáticas enfrentadas nas escolas públicas brasileiras, por isso, como docentes, devemos resistir às negligências do Estado para com a educação e sermos criativos de acordo com os recursos que temos para possibilitar a criança essa interação com o ambiente tecnológico e essa valorização da consciência individual e coletiva em prol de uma sociedade que vise estabelecer uma cultura de paz.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Numa perspectiva global, as mídias sociais acabam gerando inúmeras discussões dentre os mais diversos pesquisadores, bem como Adorno (1986) e Setton (2010), discussões essas que apresentam as mais diversas perspectivas acerca das influências possibilitadas pelas tecnologias, inclusive o cinema, dentro das sociedades, juntamente da reflexão acerca dos impactos gerados através dessa relação. Sabe-se a educação brasileira ainda é muito tradicional, condicionando a prática pedagógica a uma relação entre pincéis e a lousa, o que acaba comprometendo a devida orientação para o uso das tecnologias dentro das salas de aula, que é um uso indispensável no mundo globalizado.

Abordamos aqui, os impactos positivos das tecnologias dentro do âmbito educacional na construção de sujeitos autônomos, crítico-reflexivos e empáticos. Como diz Pierucci (1999):

“Somos todos iguais ou somos todos diferentes? Queremos ser iguais ou queremos ser diferentes? Houve um tempo que a resposta se abrigava segura de si no primeiro termo da disjuntiva. Já faz um quarto de século, porém, que a resposta se deslocou. A começar da segunda metade dos anos 70, passamos a nos ver envoltos numa atmosfera cultural e ideológica inteiramente nova, na qual parece generalizar-se, em ritmo acelerado e perturbador, a consciência de que nós, os humanos, somos diferentes de fato (...) , mas somos também diferentes de direito. É o chamado ‘direito à diferença’, o direito à diferença cultural, o direito de ser, sendo diferente. The right to be different! , como se diz em inglês, o direito à diferença. Não queremos mais a igualdade, parece. Ou a queremos menos, motiva-nos muito mais, em nossa conduta, em nossas expectativas de futuro e projetos de vida

compartilhada, o direito de sermos pessoal e coletivamente diferentes uns dos outros.” (Pierucci, 1999, p.7)

Em virtude dos fatos mencionados, estamos como educadoras e educadores condicionados a não nos silenciarmos diante das injustiças sociais, devemos sempre buscar desconstruir preconceitos que às vezes se sustentam até sutilmente, sempre inovando a nossa prática pedagógica e nos reinventando como professores, possibilitando aos alunos caminhos de inserção social e um desses caminhos é a utilização das tecnologias no âmbito educacional.

O cinema, bem como outras expressões artísticas, cria pontes e encontro com o diferente que cada aluno traz, assim, devemos atuar com dinamicidade, numa perspectiva que valorize as bagagens históricas dos sujeitos e a autenticidade do nosso pluralismo cultural, pois o vasto leque de possibilidades ofertadas por ele é indispensável para se trabalhar cidadania dentro das escolas, e por isso, almejamos que os professores e gestores se sensibilizem para essa causa e possam inseri-lo nas esferas educativas, gerando assim, mudanças positivas no processo de ensino-aprendizagem e no rendimento escolar. Além do mais, o NEPJUV, junto dos nossos projetos de pesquisa e extensão sempre irá buscar se aprofundar nas temáticas pertinentes a educação, formando educadores mais capacitados e dispostos a mudar a realidade socioeducacional. Nossos enfrentamentos são constantes, mas nossas motivações nos levam a crer numa sociedade melhor e mais acolhedora as diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, é preciso pensar na inserção das tecnologias dentro da formação profissional dos professores da sociedade brasileira, alicerçando-os na utilização das mídias sociais como ferramentas e recursos didático-pedagógicos, juntamente do fomento de uma prática educativa na perspectiva intercultural. Além de estimulá-los com uma formação contínua para uma melhor capacitação docente. Grandes são os desafios a serem enfrentados para a utilização do cinema na escola, até mesmo porque este é um espaço político. Entretanto, é uma luta válida, desde que o cinema incite no corpo docente e nos educandos o incoformismo perante as desigualdades sociais, explicitando as problemáticas sociais e inculcando a apresentação das distintas multifaces existentes em cada espectador, mostrando assim que cada indivíduo tem o direito de empoderar-se e protagonizar sua própria história.

Cabe, enfim, considerar esses projetos (Tecnologia, educação e direitos humanos: despontando cidadania para além dos muros UFPI/ Laboratório de Educação, Juventudes e Interculturalidade) frente à luta pelos direitos dos afrodescentes, quilombolas, mulheres, pobres, população LGBT e mais.

Almejamos então que essa pesquisa possa fazer com que os profissionais das licenciaturas reflitam sobre suas ferramentas de atuação dentro das escolas, trazendo espaço para a utilização das mídias sociais em parceria com uma educação que valorize o multiculturalismo brasileiro, para que em décadas futuras possamos consolidar conquistas educativas fundamentadas nas políticas públicas, com o intuito de que possamos ver sujeitos ativos socialmente que fujam de meros essencialismos, assumindo assim o seu lugar nos espaços em que eles se inserem.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. “**Capitalismo tardio ou sociedade industrial**”. Em: COHN, Gabriel. Theodor Adorno. São Paulo: Ática, 1986.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, A. M. A. et al. **Os saberes e o fazer pedagógico: uma integração entre teoria e prática**. Educar, Curitiba, n. 28, p. 231-246, 2006. Editora UFPR.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. **A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível**. Revista Temas em Educação, 2014.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Ática, 2001.

PEREIRA, Sofia. **Cinema Brasileiro – A história do cinema nacional**. Disponível em: < <https://www.uppermag.com/cinema-brasileiro-historia> >. Acesso 10 de agosto de 2019

PIERUCCI, Antônio Flavio. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999.

SETTON, M. D. G. J. **Mídia e Educação**. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, C.V. **Corpo e pensamento: alianças conceituais entre Deleuze e Espinoza**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Mauad, 1994.

STRECK, D. R. **Qual o conhecimento importa? Desafios para o currículo**. Currículo sem fronteira, v. 12, n. 3, p. 8-24, Set/Dez 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org>